

'Quimera' se equilibra entre o destino e o acaso

PÁGINA 3



Lauana Prado não segue a cartilha sertaneja

PÁGINA 4



Marvel aposta alto em 'Deadpool e Wolverine'

PÁGINA 7



## 2° CADERNO

Stephen King mostra por que tem sido levado mais a sério em novos contos

# A maior referência do terror contemporâneo

Ao investir na dúvida, e não na exposição, 'Mais Sombrio', novo livro de Stephen King, acena a uma tradição mais realista da literatura americana

Philip Montgomery/NYT

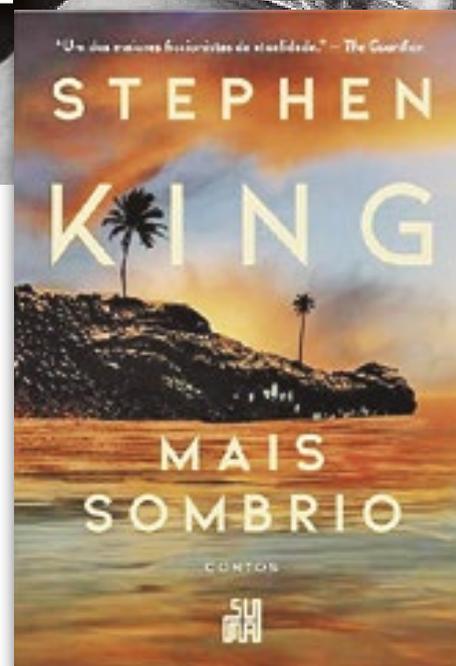
Por André Araújo (Folhapress)

**A** obra de Stephen King vem recebendo uma espécie de reavaliação crítica nos últimos anos, e grande parte dos motivos para tanto estão presentes em sua nova coletânea de contos, "Mais Sombrio".

Por um período, a obra de King foi dispensada como mera literatura de entretenimento, muito devido a um conjunto

de adaptações cinematográficas apelativas, mas também devido a qualidade desigual entre seus numerosos livros.

Entretanto, a geração contemporânea de autores e autoras de horror, em especial de origem latino-americana como Mariana Enríquez e Mónica Ojeda, não se furta em citar King como influência inescapável, não apenas do ponto de vista de sua presença massiva no mercado, mas também por suas capacidades literárias, seus temas e seu modo específico de usar o gênero como ferramenta de crítica social



Divulgação

e investigação psicológica.

As 12 histórias presentes em "Mais Sombrio" não deixam dúvidas quanto a isso. Composta por dez contos curtos e duas longas novelas (maiores que muitos romances publicados nos últimos tempos), "Mais Sombrio" também peca por uma certa irregularidade característica de King, mas no conjunto compõe uma poderosa e revigorante leitura da sociedade americana, com todas suas mazelas, contradições e impasses.

Continua na página seguinte

## CORREIO CULTURAL

Temas clássicos da obra do autor ressurgem em **‘Mais Sombrio’**

Divulgação

Zezé Di Camargo decidiu também gravar disco solo

## Zezé Di Camargo não sabia de projeto solo do irmão Luciano

Zezé Di Camargo contou que começou a pensar em sua carreira solo quando descobriu que o irmão, Luciano, queria seguir carreira gospel. O cantor disse que foi surpreendido com a notícia de que Luciano lançaria um álbum sem ele. “Já tinha começado a montar um projeto em comemoração aos 30 anos da dupla, mas aí

alguém veio me dizer que o Luciano estava fazendo um disco sozinho, gospel, que era o sonho dele”, disse. Nesse momento Zezé decidiu também criar o seu projeto sozinho: “Vou fazer um produto meu porque a gente não sabe o dia de amanhã. Vai que meu irmão só queira cantar música evangélica. Tenho que estar preparado”.

### Naná eterno

O Itaú Cultural, em São Paulo, abre nesta quarta-feira (17) a Ocupação Naná Vasconcelos, em homenagem ao músico pernambucano de renome internacional falecido em 2016. A mostra é gratuita e ficará em cartaz até 27 de outubro.

### Naná eterno II

O berimbau construído por Nané em 1967 será exposto pela primeira vez, além de fotos, vídeos e roupas do músico. outro objeto da exposição é o Grammy Latino, conquistado pelo percussionista em 2011 pelo álbum “Sinfonia e Batuques”.

### Retratação

Regina Duarte foi às redes para se retratar sobre sua condenação na ação movida pela diretora e roteirista Janaína Diniz Guerra, filha de Leila Diniz. A atriz foi condenada a pagar R\$ 30 mil em indenização por uso indevido de foto de Leila.

### Calote, não!

Xuxa move ação de despejo contra um inquilino que mora num de seus apartamentos, localizado no Recreio dos Bandeirantes. Ele não tem arcado com o pagamento dos últimos quatro meses de aluguel. A dívida chega a quase R\$ 14 mil.



Reprodução

Apesar da desigualdade em suas obras, Stephen King é um dos dez autores mais traduzidos no mundo

**O**s temas clássicos de Stephen King estão presentes em “Mais Sombrio” na forma de histórias de fantasmas, assassinos, cientistas malucos, invasões alienígenas e criaturas monstruosas: a crítica ao individualismo que produz a monstruosidade da solidão e do isolamento; a violência que irrompe subitamente, seja num ato de loucura, seja pela frieza de um psicopata; a loucura, cujas raízes podem ser traçadas pela imersão em uma realidade brutal ou pela história sangrenta dos Estados Unidos que se perpetua nos indivíduos.

A esses temas, King também adiciona reflexões sobre o envelhecimento, um dos grandes temas da coletânea, presente em histórias como “Cascavéis” - uma espécie de continuação independente do romance “Cujo”, grande destaque do livro.

Em quase 100 páginas, King tece uma história de fantasmas que

se passa durante a pandemia de Covid nos pântanos da Flórida, que trata com doses iguais de doçura e violência a persistência dos traumas do passado em uma comunidade isolada, com personagens já com mais de 70 anos.

A doença e a degradação corporal aparecem em diversos contos e parece se impor devido ao engajamento de King com a pandemia. É notável como o autor é atento para os efeitos sociais e individuais que ela produziu nos Estados Unidos, em especial no sentido do fraturamento do coletivo e das relações.

Nunca estivemos tão sozinhos, parece sugerir King, e por isso mesmo nunca estivemos tão fragilizados perante a violência da realidade. Em “Tela Vermelha”, conto clássico de inquérito policial, o assassino deixa de ser um psicopata e se torna um conspiracionista de internet, que assassina sua esposa acreditando que ela é uma invasora

alienígena.

Ao escrever todos os relatos sobrenaturais em primeira pessoa, King alude ao fato de que estamos todos à deriva em nossas próprias fantasias. O sobrenatural aparece menos como um dado da realidade e mais como forma possível de interpretação para um mundo cada vez mais complexo e afastado de soluções reais e palpáveis.

Ao investir na dúvida, e não na exposição, “Mais Sombrio” acena a uma tradição mais realista da literatura americana, em especial ao chamado gótico sulista, de Flannery O’Connor e Cormac McCarthy, citados nominalmente.

De forma quase didática, no conto “Os Sonhadores”, um cientista com tintas lovecraftianas decide investigar as profundezas do sonho de pacientes. O que emerge desse experimento é a versão de King do substrato sombrio do sonho americano que, tal como um vírus, contamina tudo a seu redor.

# Destino ou acaso?

Espectáculo 'Quimera' estreia curtíssima temporada no Teatro Fashion Mall

Luis Carlos Lobo/Divulgação



*Brincando com ideias como o acaso e o destino, 'Quimera' mostra quatro personagens que têm suas vidas cruzadas e modificadas pelas cartas de tarô*

O que realmente dita o curso de nossas vidas: será o destino tecendo fios invisíveis ou o acaso brincando com nossos destinos? Após ganhar o 13º FESTU com a cena "Venha Ver O

Pôr Do Sol" em três categorias, a Cia Expressart traz aos palcos cariocas seu mais novo projeto, "Quimera", em curtíssima temporada no Teatro Fashion Mall. Com dramaturgia de Pedro Fonseca e direção de Jailton Maia, o espetáculo convida a

questionar temas como o acaso e o destino, entre risadas e cartas de tarô.

Será que podemos ser os protagonistas de nossas próprias histórias ou somos apenas marionetes nas mãos do acaso? Joguetes do destino? Como podemos

## Uma aventura entre passado e presente

Solo com texto e interpretação de Gui Stutz fala sobre um menino que viaja pelo tempo

Para entender o mundo de hoje, um menino resolve usar objetos que tem em seu próprio quarto para construir uma máquina que o permita viajar ao passado em busca de respostas. Esse é o ponto de partida de "A Máquina do Tempo", peça infantil escrita pelo ator e músico Gui Stutz, com direção de Denise Stutz. O espetáculo volta ao circuito para uma curta temporada no Teatro Municipal Domingos Oliveira.

Sozinho em cena, Gui Stutz narra a história do menino de forma lúdica e entremeada por canções autorais. Nessa aventura pelo tempo, o menino é capturado por um navio pirata, vê diferentes dinossauros, testemunha

Santos Dumont voando no 14-Bis, vai trabalhar num circo de 1923 como o "menino do futuro" e passa por muitas cidades e países até voltar ao tempo presente. Seu desejo nessa viagem é observar as florestas, os mares e as cidades para tentar entender como o passado se tornou o presente.

A música é um elemento constante nos trabalhos de artes cênicas de Gui Stutz, e não foi diferente na construção da dramaturgia de "A Máquina do Tempo". Em cena, ele utiliza guitarra e sintetizador ligados a um equipamento de looping para compor em tempo real a trilha sonora original.

Acostumado a trabalhar com compa-

Renato Mangolin/Divulgação



**Gui Stutz no solo infantil 'A Máquina do Tempo'**

nhas teatrais, Gui já cultivava há tempos a vontade de montar um solo que reunisse música e dramaturgia. Para escrever "A máquina do tempo", ele se inspirou na própria infância e na paternidade. "Sou filho único. Minha memória da infância tem muito de

nos conectar com aqueles que atravessam nosso caminho, deixando suas marcas em nossas almas?

A peça conta a história de quatro personagens que se cruzam pelo acaso (ou seria destino?). A partir do encontro dessas narrativas, surge um questionamento: O que cada um veio fazer naquele lugar? Conduzidos por Madame Boemia (Lenita Magalhães), uma taróloga cuja mãe dizia, toda vez que a filha chorava, que ela era como uma quimera, os personagens têm suas vidas expostas por meio do tarô.

Ainda estão na trama, Céu (João Bartholo), um jovem rapaz com problemas de relacionamento; Rayssa (Andressa Toledo), uma mulher misteriosa e que tem algo a esconder; e Seu Valter (Lucas Resende), um senhor calmo e que ama jogo do bicho. Buscando descobrir o significado de cada carta e entendendo como suas vidas estão interligadas de alguma forma, seus traumas e dilemas são lançados a fim de juntos reescreverem o final de cada narrativa.

### SERVIÇO

#### QUIMERA

Teatro Fashion Mall (Estrada da Gávea, 899 - L 213, Shopping Fashion Mall, São Conrado)

De 17 a 21/7, de quarta a sábado (20h30) e domingo (19h30)

Ingressos: R\$ 50, R\$ 25 (meia) e R\$ 20 (ingressos promocionais)

brincar sozinho e acompanhar as viagens de trabalho dos meus pais. Desenhava muito, criava mundos e histórias na minha cabeça", recorda. Hoje pai de três filhos com idades entre 2 e 6 anos e agora com um bebê a caminho, Gui se vê rodeado pelo universo da criança. "A minha primeira plateia foram os meus filhos, e foi um sucesso em casa", diz.

O espetáculo estreou em março de 2020 no Manouche. De lá pra cá, a montagem passou por outros palcos cariocas e cidades como Petrópolis, Brasília, São Paulo e Manaus.

### SERVIÇO

#### A MÁQUINA DO TEMPO

Teatro Municipal Domingos Oliveira (Av. Padre Leonel Franca, 240 - Planetário da Gávea)

De 20 a 28/7, aos sábados e domingos (16h)

Ingressos: R\$ 50 (inteira), R\$ 25 (meia) e R\$ 20 (Lista amiga\*)

\*Enviar o nome para o e-mail: amaquinadotempoteatro@gmail.com

Por **Pedro Martins** (Folhapress)

**F**oi com a regravação de um sucesso dos anos 1980, “Escrito nas Estrelas”, que Lauana Prado conquistou o topo das paradas do Spotify no Brasil por duas semanas e dominou as rádios no primeiro semestre deste ano, ao lado de nomes superlativos como o de Gustavo Lima. A artista goiana substituiu o timbre agudo de Tê Espíndola, autora da versão original, pela voz rasgada e grave que é uma de suas principais características, numa estratégia que espelha, de certa forma, sua própria carreira, iniciada em 2012, quando foi semifinalista do primeiro The Voice Brasil, da TV Globo.

Lauana, afinal, tem se pautado por resgatar a tradição, gravando não só “Escrito nas Estrelas” como uma série de clássicos do cancionário brasileiro, mas sem se prender ao passado, rompendo com estereótipos do sertanejo. Num gênero hoje sem nenhuma figura de sucesso que não seja heterossexual — ao menos publicamente —, ela diz que contrariou recomendações dos profissionais com quem trabalhava e preferiu contar ao público que é bissexual e que não faz parte da ala conservadora.

A artista de 35 anos mantém relacionamentos com mulheres em frente às câmeras e, nas últimas eleições, há dois anos, declarou apoio a Lula e criticou Jair Bolsonaro, indo contra a maioria dos colegas do sertanejo. “Sofri resistência, ouvi que não ia tocar mais em tal festa. Mas, como cidadã e uma mulher que é mais do que uma artista, senti que tinha o direito de me expressar”, ela afirma, em entrevista por videoconferência, de sua casa no interior paulista. “É gostoso sentir que não escondo nada do público.”

A artista diz que não teve prejuízos financeiros. Ela está, por exemplo, entre os escalados para abrir a Festa do Peão de Barretos, o templo do sertanejo, no interior paulista, em agosto. O evento tem a tradição de receber a visita de políticos conservadores, como Bolsonaro, que são exaltados pela maior parte do público ali. “Tem artistas que são parceiros de vida, frequentam a minha casa, mas levantam bandeiras diferentes. E está



A sertaneja Lauana Prado se destaca no segmento com seu timbre mais grave

# ‘Nada pode chamar mais a atenção do que a música’

Líder absoluta das paradas no semestre, Lauana Prado assume sua bissexualidade e vai na contramão do conservadorismo que domina o sertanejo

tudo bem. A maioria dos contratantes conseguiu entender isso”, diz. “Os mais intolerantes saíram perdendo, porque eu atraio público. Precisamos ter maturidade para não ofender ninguém ou tornar isso uma guerra, até porque nada pode chamar mais a atenção do que a música.”

Sua discografia reflete isso. Para o novo álbum, “Transcende”, que está sendo lançado por etapas desde

junho, Lauana fez parceria com nomes de diversas inclinações políticas, de Nando Reis, notadamente alinhado à esquerda, à dupla Zé Neto e Cristiano, que há dois anos se viu no centro de uma polêmica sobre cachês pagos a sertanejos por prefeituras depois de criticarem Anitta e a Lei Rouanet.

O nome de seu novo álbum, explica, vem da ideia de transcender as

barreiras do sertanejo e unir figuras diferentes. A gravação do projeto, que aconteceu no ginásio do Ibirapuera, na capital paulista, contou ainda com a presença de Simone Mendes, e da dupla Cristinas, formada por duas mulheres que ela conheceu num de seus shows e decidiu empresariar.

Lauana não se vê como parte do chamado “queernejó”, uma vertente

do sertanejo que surgiu quase uma década depois de ela começar a cantar para reunir artistas da comunidade LGBTQIA. O subgênero, que tem como seu principal expoente Gabeu, filho de Solimões, da dupla com Rionegro, tem dificuldade de estourar a bolha queer, por não ter investimento de gravadoras ou patrocínio de marcas.

Isso não quer dizer, no entanto, que a música camufle sua bissexualidade. Exemplo disso é “Pegada Fraca”, faixa lançada há cerca de dois anos, que ela dedica tanto a homens quanto a mulheres. Mas a sertaneja diz que sempre rejeitou a ideia de sua vida amorosa pautar sua carreira, ainda que possa despertar curiosidade do público. É uma escolha rara num momento em que o identitarismo se tornou um elemento central no mercado do entretenimento. “Já sofri preconceito, mas, à medida que você mostra seu trabalho, ele vai caindo por terra. Meu maior trunfo é minha música, e não quem eu sou”, ela afirma.

## Além da sofrência

A cantora, que começou a carreira empresariada por Fernando Zor, da dupla Fernando e Sorocaba, estreou no topo das paradas com “Coiba”, lançada há cerca de cinco anos com Maiara e Maraísa, com versos carregados de sofrência. Mas, em algumas das faixas de “Transcende”, é notável que agora ela quer ir além do sofrimento. Para isso, a cantora dobrou a aposta na voltagem sexual dos romances conflituosos que canta, como em “Horizontal”, na qual diz não haver problema em sair só para transar.

Sua voz, no entanto, é o que realmente a diferencia das outras mulheres do sertanejo, afirma Eduardo Pepato, um dos produtores mais requisitados do sertanejo, que assina a produção do trabalho.

“A gente usou muito violão, acordeão, sanfona, instrumentos que dão a sensação de acústico”, diz ele. “Não tinha mulheres com essa voz no mercado, com esse ‘drive’, que é como chamamos a voz rasgada. Ela nem precisa dizer seu nome no início das músicas, como muitos artistas fazem. Sua voz é inconfundível”, destaca Pepato.

Por Thales de Menezes (Folhapress)

O cantor capixaba Silva decidiu falar mais de amor. O recém-lançado “Encantado”, seu sétimo álbum, traz um romantismo sem freios e sem vergonhas, como ele nunca tinha exibido antes. E isso veio de uma conversa com seu irmão, Lucas, parceiro de composições desde o disco de estreia, “Claridão”, de 2012.

Foi no ano passado, quando Silva já fazia o que chama de esboços para o novo álbum, que Lucas disparou: “Já reparou que você é um cantor romântico? É verdade, estava ouvindo nossas coisas no Spotify, na ordem das mais tocadas. Todas essas falam de amor escancaradamente, é o que as pessoas gostam de ouvir.” E ele percebeu que o irmão estava certo.

Mas Silva detecta um processo longo. “Nas primeiras coisas que saíram sobre mim, teve uma crítica me chamando de romântico, zombando um pouco.” Ele lembra que na época isso o incomodou e foi somado a uma conversa que teve com um professor de guitarra. Quando Silva mostrou a ele suas canções, o professor rebateu: “Está romântico demais, precisa botar uma maldade nesse negócio, está muito meloso!”.

Então ele lutou por mais de uma década contra essa suposta melosidade. Mas mudou em “Encantado”. “Sou romântico mesmo. Até no Bloco do Silva, um projeto musical de festejo, para o Carnaval, era uma festa romântica. Gosto de cantar o amor. E suas variações, como o desamor. Quero também músicas que falem de dor de cotovelo ou de levar um fora muito bem dado.”

Com exceção de uma canção, “Já Era”, que estava nos rascunhos desde 2017, todo o material é recente. “Não sou muito organizado. Tenho muitas ideias, gravo um monte de pequenas coisas no celular. Se perder meu iPhone e meu iCloud, vai ser bem triste. Eu e o meu irmão chegamos a fazer 30 músicas para esse disco.”

Aos 36 anos, Silva prefere gravar álbuns, não singles. “O mercado está ditando as coisas de um jeito que passa por cima da dinâmica individual do artista. Então agora é assim, tem que postar todos os dias, tem um jeito novo de trabalhar, a gente ouve isso de todos os lados. Eu acho que é bom ter a inteligência de ler o mundo em que a gente está, mas é

# ‘Acho bom ter a inteligência de ler o mundo em que a gente está, mas é preciso seguir nosso feeling’

Silva aposta em romantismo sem freios ou vergonha no novo álbum ‘Encantado’



**Em ‘Encantado’, Silva assume um romantismo que fluía em suas criações mas que ele tentou ‘reprimir’ desde o início da carreira**

preciso seguir nosso ‘feeling.’”

Silva afirma que precisa cantar o que está vivendo. Quase uma pregação, um discurso. E cada álbum traduz um momento de sua vida. “O single é bom para o mercado, porque movimenta rápido, mas não tenho muito tesão nisso. No ‘Encantado’, veio a ideia do nome muito antes de ter o álbum. Fui buscando músicas para encaixar nesse conceito.”

A cada turnê, reúne músicos que sejam amigos e com quem possa trocar ideias. Já quis muito ter uma banda. No começo da carreira, Silva foi pensado como nome de um projeto. Talvez, depois, criasse uma outra chamada Souza ou algo assim. Silva acredita que pode mudar a cada projeto, achar um novo formato e um novo grupo no palco.

O cantor dedica o disco a João Donato, um dos pilares da bossa nova, que morreu em 2023. “Fiquei muito triste, Donato era uma das pessoas que eu mais gostava, era divertido, fora do comum.” Diz que queria ser um pouco como o ídolo, leve, parecendo não levar nada a sério. “O João Donato me falava que eu tinha de ouvir mais Debussy e Ravel. Tem muito estudo sobre como a música de Debussy influenciou Villa-Lobos e a harmonia na música brasileira.”

A morte de Donato impulsionou o desejo de ter algumas participações no disco. “Preciso aproveitar meus ídolos enquanto os tenho por perto”, afirma. Fez para cantar com Marcos Valle “Copo d’Água”, música que claramente emula o estilo solar do veterano. “Amanhã de Manhã (para Lecy)” virou dueto com Leci Brandão. A Lucy do título, com “Y”, é a avó de Silva e também o nome da mãe da sambista. Já “Girassóis” ele entregou para Arthur Verocai fazer o arranjo. “É uma música bem ‘donatiana’ e foi uma honra quando Verocai aceitou participar.”

Outro músico convidado é o uruguaio Jorge Drexler. Silva escreveu sua primeira música em espanhol, “Recomenzar”, e Drexler acrescentou uma segunda parte na letra. “Ele me ajudou na pronúncia, porque achou que estava muito europeia.”

Esse Silva “para exportação” segue com a faixa em inglês “Mad Machine”. “Eu brinco que estou gastando o meu Yázig. Não tenho um inglês maravilhoso, mas eu me comunico bem. Morei na Irlanda um ano e pouco”, diz o cantor, agora romântico e poliglota.

ENTREVISTA / THELMA SCHOONMAKER, MONTADORA

# 'Scorsese deu do mundo um novo estilo de narrar'

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

**E**mbora não tenha recebido ainda detalhes do filme sobre Jesus Cristo que Martin Scorsese está preparando, Thelma Schoonmaker sabe que fará parte dessa nova homilia do realizador de "Taxi Driver" (Palma de Ouro de 1976) por ser a montadora oficial dele. Não por acaso deu ao parceiro de trabalho e amigo fiel de cinco décadas a tarefa de narrar o documentário "Feito Na Inglaterra: Os Filmes de Powell e Pressburger" ("Made In England: The Films Of Powell And Pressburger"), hoje na MUBI.

Produzido por ela e dirigido por David Hinton, o delicado longa-metragem, lançado na Berlinale, em fevereiro, e já disponível no [www.mubi.com](http://www.mubi.com), é um curso de História a partir dos feitos de Michael Powell (1905-1990), lendário cineasta britânico, celebrado por sua longa parceria com o húngaro Emeric Pressburger (1902-1999). Thelma viria a se casar com Michael em 1985. A relação foi apadrinhada por Scorsese, entusiasta da obra do coautor de "Os Sapatinhos Vermelhos" (1956), cuja carreira ajudou a ser redescoberta, nos anos 1970.

Ganhadora de três Oscars, conquistados pelas montagens de "Touro Indomável" (1980), "O Aviador" (2004) e "Os Infiltrados" (2006), Thelma conversou com o Correio da Manhã no Festival de Berlim e falou dessa história de amor e das trocas com Scorsese, a quem chama carinhosamente de Marty.

**Ao analisar uma obra poética como a de Powell, feita entre os anos 1930 e os anos 1970, como a senhora avalia a evolução da montagem no cinema autoral?**

**Thelma Schoonmaker:** Hoje o que eu vejo é uma aposta no corte rápido, numa edição compacta e não numa montagem mais reflexiva. Cada filme pede um tipo de corte, que é ditado pela visão que cada diretor tem da realidade. Scorsese, por exemplo, deu ao mundo um novo estilo de narrar que vem lá do fim dos anos 1960, quando nos conhecemos, e chegou até "Assassinos da Lua das Flores" (hoje disponível na Apple TV), seu trabalho mais recente. Powell tinha um modo de olhar no qual buscava que seus filmes pudessem ser compreendidos no mundo todo sem legendas, pela força da imagem. Basta ver o que ele faz em filmes como "Coronel Blimp: Vida e Morte", de 1943. O que David Hinton e eu buscamos nesse exercício docu-



Thelma Schoonmaker, montadora de cinema e parceira de longa data do realizador Martin Scorsese

mental sobre ele e Pressburger foi condensar um pouco da ótica dos dois.

**Como se deu essa condensação?**

Buscamos muitas imagens de arquivo e construímos um roteiro a partir do muito que Powell falou ao longo dos anos. Aí Marty entrou, trazendo sua visão de fã. Quando terminamos "A Última Tentação de Cristo", em 1988, Marty me pediu para mostrar o corte final ao meu finado Michael, a quem ele amava muito. Michael adorou o trabalho de Marty em "Caminhos Perigosos" e dizia que era um filme para ser exibido sempre na TV. Fizemos a projeção e Marty passou o tempo todo colado na poltrona, em pânico. Quando as luzes se acenderam, Powell estava chorando e olhou para Marty com lágrimas de comoção nos olhos. Você não pode imaginar a expressão de felicidade que Marty fez, sen-

tindo-se aceito, aprovado por seu mestre. Foi uma experiência comovente.

**Como funciona a prática de criação de seu trabalho com Scorsese?**

Temos uma dinâmica. Ele filma o que quer, manda as sequências enquanto ainda está no set e eu vou montando um primeiro corte que já é concebido para ser desfeito. É uma espécie de rascunho. Eu já monto com a certeza de que aquilo vai ser recriado por ele, contudo, quanto mais sólido for este primeiro corte, quanto mais essa "versão" estiver próxima da maneira como Marty encara o mundo, mais subsídios ele terá para aproveitar o tal rascunho como base de trabalho. Marty sabe editar, e monta muito bem. Aliás, a parte do ofício do cinema que ele mais gosta é a ilha de edição, pois, ali, não tem mais a tensão do set, não tem ator com o qual ele

precisa se preocupar. Na ilha de montagem, ele se alivia... e cria. Marty senta e monta comigo, trocando ideias. Quando discordamos, oferecemos opções de encaixe um ao outro e chegamos a um equilíbrio.

**A senhora começou seu trabalho como montadora editando filmes para a televisão. Como foi essa escola?**

Meu trabalho era cortar filmes, por vezes os clássicos do neorealismo, para que eles coubessem na grade da TV aberta em Nova York. Os editores por vezes cortavam um rolo inteiro fora para facilitar a montagem, mas eu tinha a preocupação de que isso viesse a prejudicar o entendimento dos filmes. Editava por dentro, com cuidado, para que aqueles longas não perdessem a sua essência. Até hoje eu tenho esse cuidado.

MUBI

Derivados da franquia 'X-Men', Deadpool e Wolverine se reúnem em superprodução que traz astros como Ryan Reynolds, Emma Corrin e Hugh Jackman ao Rio

Por **Rodrigo Fonseca**  
Especial para o Correio da Manhã

**A**presentado ao público leitor de gibis em dezembro de 1990, nas páginas da edição nº 98 da revista "The New Mutants", Deadpool já roubou a cena de muito super-herói de peso desde que foi criado por Fabian Nicieza e Rob Liefeld. Nos cinemas, repetiu o feito em dois filmes, lançados em 2016 e 2018, que arrecadaram respectivamente US\$ 782 milhões e US\$ 785 milhões, transformando seu protagonista, o canadense Ryan Reynolds, num dos astros de maior faturamento de Hollywood na atualidade. Nas bancas, o personagem chegou a ganhar quadrinhos só seus aqui no Brasil, via Panini Comics, como o encadernado "Preto, Branco e Sangue".

Mas agora, a tarefa do mercenário tagarela será dividir as telas com o mais popular dos mutantes da Marvel, Wolverine, uma vez mais encarnado pelo australiano Hugh Jackman. Ele e Reynolds vieram ao Rio com a atriz Emma Corrin e o realizador Shawn Levy para um evento bombástico na Cidade das Artes, realizado na segunda-feira, que mobilizou famosos da TV e da internet de todo o país. Foi uma micareta pop.

"A melhor parte desta profis-



Com estreia em 25 de julho, 'Deadpool & Wolverine' promete ser um dos maiores êxitos de bilheteria de 2024

# Fator X de um potencial sucesso

Priscilla Nunes/Divulgação



O diretor Shawn Levy (ao microfone) com Emma Corrin, Ryan Reynolds e Hugh Jackman na Cidade das Artes

são é poder ver lugares como este. O Rio é incrível", diz Reynolds, na Barra da Tijuca, ao apresentar suas expectativas sobre "Deadpool & Wolverine", que estreia no dia 25 de julho com a promessa de se tornar um dos maiores êxitos comerciais do ano. "Este filme é maior experiência da minha carreira, por juntar dois ícones".

Durante o evento foram exibidos cerca de 40 minutos da superprodução pilotada por Levy, cineasta nascido no Canadá há 55 anos. Ele é conhecido por seu trabalho como produtor na série cult "Stranger Things" e pelo desempenho como cineasta em recordistas de arrecadação como "Uma Noite No Museu" (2006) e "Free Guy:

Assumindo o Controle" (2021). Na Cidade das Artes, ele prometeu a fãs da Marvel uma história "que caminha para a conexão e para diferentes formas de amizade" ao narrar o encontro entre duas celebridades das HQs.

Batizado em referência ao animal conhecido aqui como carcaju, Wolverine chega aos 50 anos em outubro. Ele surgiu no fim de 1974, em "The Incredible Hulk" nº180, encarnado um inimigo do Golias Verde. Foi criado por Len Wein, John Romita Sr. e Herb Trimpe. Sua popularidade foi renovada depois de ele ser integrado à formação dos X-Men da década de 1970, delineada por Chris Claremont, Dave Cockrum e John Byrne. Nos anos 1980, uma minissérie de Frank Miller deu a ele um status de vigilante e bordões como "Sou o melhor naquilo que faço", além de ter consagrado a onomatopeia "Snikt!", referente a suas garras, revestidas de adamantium (o metal mais sólido do universo, de acordo com as "quadrinhopedias").

"Acho que o Wolverine é como é por já ter vivido pelo menos 200 anos. São muitos anos de muita

dor. Diferentemente dele, Deadpool usa a comédia para ser quem é", disse Jackman no Rio, onde esteve pela primeira vez em 2009.

Ele assumiu a tarefa de ser Wolverine em 2000, no primeiro "X-Men", de Bryan Singer, e viveu o personagem múltiplas vezes, inclusive em três filmes solo, que, se somados, contabilizam uma receita de cerca de US\$ 1,4 bilhão. O último deles, "Logan", fechou a programação do Festival de Berlim, em 2017, e chegou a ser indicado ao Oscar de Melhor Roteiro Adaptado.

No filme de Levy, "Logan" é citado múltiplas vezes, uma vez que Deadpool precisa viajar pelo multiverso para encontrar um Wolverine de outra dimensão, passando por várias versões do anti-herói que farão a alegria de quem cresceu lendo a mitologia marvete. Nesses saltos dimensionais, os dois vão enfrentar a vilã Cassandra Nova, papel confiado à britânica Emma Corrin. Criada em 2001, por Grant Morrison e Frank Quitely, a telepata é uma gêmea maligna do Professor Charles Xavier, o fundador dos X-Men, que almeja se vingar dele e de sua equipe.

Quem quiser conferir outras aventuras dos mascarados interpretados por Jackman e Reynolds antes de o longa-metragem de Levy estreiar pode correr para edições recentes da Panini unindo ambos, como "Deadpool Vs. Wolverine" e "Marvel-Verse".



# Força vital além do tempo

Segunda individual de Mery Horta apresenta obras que partem de questões relacionadas à ecologia e ao corpo negro feminino

**A**rtista plástica Mery Horta abre nesta quarta-feira (17), “Terrosa”, sua segunda individual, no Centro Cultural Correios RJ. Com curadoria de Carolina Rodrigues, a mostra apresenta ao público mais de 10 trabalhos inéditos entre esculturas e performance que partem de questões relacionadas à ecologia e ao corpo negro feminino, utilizando materiais orgânicos em fase de pré e pós vida.

Em “Terrosa”, Mery Horta mergulha em cores, cheiros e texturas e cria um universo permeado por seres que surgem da terra. Através de deusas pagãs, organismos que pendem e se esgueiram pelo espaço, a artista fabula encantarias e elabora uma visualidade toda inspirada em questões ligadas à ecologia e aos ciclos do corpo feminino.

“Vejo as obras desta minha segunda individual como gestos que ganham força vital, como uma fabulação de vidas que exis-

tem antes do tempo ser tempo, que sempre estiveram aqui e estarão depois de nós. O nome da exposição, assim como suas obras, ou seres, surgem da terra, como se estivessem ali dormentes e são despertados para que possamos contemplar, mas também nos nutrirmos de suas existências. Gosto de pensar que a galeria se transforma em um microcosmos e somos convidados a compartilhar essa existência com esses encantados que ali estão, numa imersão sensorial com gosto e cheiro de terra, cor de entranhas. ‘Terrosa’ significa, para mim, vida”, explica a artista, que teve a ideia da exposição em 2023, en-



*Detalhes da escultura Sapira cuja base é um tronco de abacateiro*

quanto pesquisava para a criação de “Cio da terra”, seu solo de dança contemporânea.

“Senti a necessidade de expandir a performance para outros materiais com os quais eu já vinha trabalhando há alguns anos. A pesquisa em dança já havia sido influenciada pelas artes visuais e, agora, devolvo essa influência. Esse desejo se materializa por meio de esculturas em obras que compõem uma grande instalação. A escultura, assim como os materiais utilizados, como é o caso do urucum, vêm de um desenvolvimento da minha pesquisa em artes visuais desde 2019, quando me deparo em meio ao

meu trabalho de performance com o sangue menstrual e, portanto, com a cor vermelha. A partir daí o vermelho se expande para outras simbologias relacionadas principalmente ao corpo feminino e à ancestralidade afro-brasileira e indígena”, sintetiza.

Dentre as criações da exposição Mery Horta destaca a escultura Sapira, um grande desafio em sua criação. “Essa obra toda na base de madeira foi feita, assim como as outras da exposição, com madeira rejeitada pela natureza, ou seja, minha equipe realizou uma longa busca em diversas cidades do Rio de Janeiro até encontrar um tronco rejeitado que fosse semelhante ao formato base que eu havia desenvolvido no croqui. Quando encontramos esse tronco, que era de abacateiro, recolhemos galhos rejeitados de cajueiro para a sustentação da base e, só então, começamos a trabalhar na construção de Sapira”, relembra.

Em paralelo ao trabalho de criação, o caminho desenvolvido por Carolina Rodrigues na curadoria foi diferente do que é comumente feito, quando um curador reúne uma série de obras de um artista e desenvolve uma narrativa. “Essa exposição demandou um trabalho mais atento e profundo. Quando iniciei o acompanhamento curatorial, existia um conceito e um texto, depois foram surgindo os croquis, a escolha dos materiais e o processo de desenvolvimento das obras. Todo esse passo a passo foi feito com visitas ao ateliê da Mery e diálogo constante”, relata a curadora.

## SERVIÇO

TERROSA

Centro Cultural dos Correios RJ (Rua Visconde de Itaboraí, 20)

De 17/7 a 31/8, de terça a sábado (12h às 19h) | Entrada franca